

PIQUENIQUE NA ESTAÇÃO

Trabalhei dezenas de anos como professor universitário na vizinha cidade de Passos, Minas Gerais. Ao longo desse tempo pude vivenciar encontros e desencontros da administração municipal, já que fui coordenador técnico dos dois primeiros planos diretores do município, aprovados em 1995 e 2006 respectivamente. Naquele primeiro processo de planejamento, uma das questões que tiveram relevo nas discussões foi da preservação do patrimônio histórico da cidade com seus quase 200 anos de existência. É uma das poucas cidades no Brasil que tem uma Rua da Praia e não fica no litoral, assim como uma Rua do Museu sem que a cidade tenha um. A rua da Praia tem a ver com as areias que se acumulavam no local do tempo das faisqueiras onde garimpavam ouro nos tempos iniciais da vila. Além disso, duas grandes igrejas católicas do século XIX situadas na região central foram demolidas em meados do século XX, o que também é incomum: a do Rosário, onde hoje fica o Paço Municipal e a de Santo Antônio para dar lugar à “plazoleta” Cel. José Caetano Machado e uma rua.

Naquele plano diretor discutido no início dos anos 1990 foi prevista uma Zona de Preservação Histórica para que se fizesse com tempo um inventário de sua arquitetura e se buscassem os mecanismos para sua preservação. Nessa época a antiga estação ferroviária da Mogiana (inaugurada em 1922 e desativada em 1971) havia sido adquirida pela Prefeitura e foi objeto de uma reforma projetada pelo arquiteto Paulinho Pimenta para instalar um arquivo histórico no local. Foi tombada e passou a ser chamada de Estação Cultura por seu uso, mas pouco durou o arquivo ali. No Plano Diretor de 2006 essa preocupação já havia desaparecido, o próprio diagnóstico mostrava que o inventário dos bens culturais não havia avançado e os imóveis tombados foram poucos, insuficientes para dar conta da riqueza de sua arquitetura urbana.

Em junho de 2015, um grupo de artistas e pessoas da cidade preocupadas com a cena cultural local criaram o “Piquenique da Estação”, uma intervenção cultural que interage com a Estação Cultura. Seu intuito era chamar atenção da sociedade civil e do poder público para a situação de abandono que se encontrava o espaço. Desde então, foram 26 edições, levando centenas de atrações artísticas para o lugar, dando-lhe vida e uso, embora com dificuldades.

Neste ano, o Laboratório das Artes de Franca foi chamado a colaborar e fomos a Passos com o maior prazer. Atalie ministrou uma oficina de aquarela para os participantes. Minha contribuição envolveu uma palestra sobre a “Arquitetura Modernista de Passos”, pesquisa que desenvolvi com meu aluno Douglas Oliveira, mostrando a forte presença na paisagem urbana de obras dos pioneiros dessa arquitetura na cidade, com projetos dos arquitetos Dáude Jabbur, Paulinho Pimenta e Maristela Scotfield Pimenta, mas que rapidamente está desaparecendo com demolições e reformas sem noção. Além disso, a falta de um museu e arquivo histórico no município dificulta a preservação das plantas e outros documentos históricos.

Minha fala sucedeu a de duas professoras e pesquisadoras da UEMG, Yara de Cássia Alves do curso de História que falou sobre inventário participativo do Bairro Casarão e de Natália da Silva Lemos do curso de Arquitetura e Urbanismo que trouxe para a reflexão e o debate a necessidade da preservação da paisagem, dos elementos da arquitetura e da memória urbana como algo fundamental para a qualidade de vida das pessoas nas cidades, pois trazem referências que orientam nossas vidas ao longo do tempo. O fato é que neste país desmemoriado ainda temos um longo caminho educacional para que a preservação histórica seja uma política pública de fato.

Mauro Ferreira é arquiteto